

# Ondas contra a dor

Reproduzindo os impulsos elétricos gerados pelo organismo sadio, a nova terapia contra artrite e artrose leva à melhora de até 70%



O médico ortopedista Leopoldo Storti demonstra como utilizar a PST: tratamento indolor, não invasivo e sem efeitos colaterais

Rosângela Vale  
Reportagem Local

Um novo tratamento para degenerações ósseas – artrite e artrose – começa a ser empregado com sucesso no Brasil. Desenvolvida na Alemanha e disponível apenas em oito clínicas brasileiras – entre elas, uma londrinense – a Pulsed Signal Therapy (PST) vem proporcionando uma melhora de 70% nos pacientes tratados, diminuindo a intensidade e a frequência das dores e devolvendo a mobilidade às articulações atingidas pela doença.

De acordo com dados da Sociedade Brasileira de Reumatologia, a artrose atinge mais da metade da população adulta com idade superior a 40 anos. Após os 70 anos, cerca de 70% das pessoas apresentam evidências clínicas ou radiológicas da doença, e de 30% a 50% sofrem cronicamente. Não é surpresa, portanto, que ela seja responsável por 7,5% dos afastamentos do trabalho e ocupe o quarto lugar no ranking das aposentadorias por invalidez.

O médico ortopedista Leopoldo Hoffmann Storti, que trabalha com a PST desde dezembro, explica que o problema é resultado do processo natural de

envelhecimento. Segundo ele, a doença será mais ou menos intensa dependendo da genética e dos traumas decorrentes do trabalho e do esporte. "Tanto a vida sedentária quanto exercícios em excesso são agravantes. O ideal é atividade física de baixo impacto, como caminhada, natação e hidroginástica, que protegem as articulações contra os fenômenos da degeneração", recomenda.

A artrose é diagnosticada por exames clínicos, raios-x, tomografia e ressonância magnética. Já a artrite, degeneração de fundo reumatológico que pode deformar as articulações dos pés e das mãos e coluna cervico-lombar, é detectada por meio de exames de sangue e raios-X. Segundo Storti, antes da PST as doenças eram tratadas somente com fisioterapia, medicamentos anti-inflamatórios, corticóides, cirurgias e, como último recurso, colocação de próteses.

"A nova terapia veio para ajudar no tratamento, evitando as cirurgias ou retardando-as o máximo possível para que o paciente tenha qualidade de vida", diz o médico. É bastante eficaz nos graus 1 e 2 da doença, tem boa resposta no grau 3, mas não é indicada para o grau 4. "A PST é um

tratamento de prevenção para que a doença estacione e regreda", esclarece o médico. Na Alemanha, onde a técnica já está amplamente difundida, a seleção olímpica e o time de futebol Bayer de Munique usam o aparelho rotineiramente para evitar artrose precoce.

**Indolor** O aparelho funciona emitindo ondas magnéticas que estimulam a regeneração da cartilagem em locais específicos. A terapia baseia-se no princípio de que cada articulação em movimento gera ao seu redor um campo eletromagnético fundamental para a auto-regeneração dos tecidos. Nas pessoas afetadas por artrose, inflamações, traumas e lesões articulares, esse campo é distorcido, perdendo muito de sua capacidade natural. Por meio de um ténue campo magnético pulsante, a PST reproduz os impulsos elétricos gerados pelo organismo sadio, fazendo com que as células voltem a funcionar como em seu estado normal.

O tratamento é indolor, não invasivo, sem efeitos colaterais e de fácil aplicação. O número de sessões depende do local a ser tratado: varia de 9 (coluna, joelhos, mãos, cotovelo, pescoço, calcanhar ou tornozelo) a 12 (quadril ou ombros). As sessões duram uma hora e devem ser feitas diariamente. Interrupções por até um dia podem ocorrer, desde que pelo menos três sessões tenham sido realizadas.

Segundo Storti, os resultados são percebidos entre a sexta e a oitava semana após a conclusão do tratamento; já a evolução da melhora se estende até o sexto mês. O efeito analgésico, porém, costuma acontecer já nas primeiras aplicações. Por se tratar de tecnologia de ponta, a terapia PST ainda não é coberta pelos planos de saúde. "É o que há de mais moderno para o tratamento da artrite e não só no Brasil, mas no mundo", observa ele. ■

